



JESUS,

Nossa Páscoa!

JESUS,

Nossa Páscoa

Título: Jesus, Nossa Páscoa
Autor: Elmer Mendes Barbosa
Revisão e Publicação: Diretoria Geral de
Cultura e Educação Cristã – IEAB
Distribuição: Gratuita
Ano: 2025

ISBN: 978-65-88015-21-6

Este eBook é uma produção da Diretoria Geral de Cultura e Educação Cristã da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, com o objetivo de edificação da fé cristã e ensino das Escrituras, especialmente no período da Páscoa.

Todos os direitos reservados à Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. É permitida a reprodução e compartilhamento deste material para fins não comerciais e com a devida citação da fonte.

SUMÁRIO

SEXTA-FEIRA.....4

O AMOR QUE SUPORTOU A CRUZ.....9

SÁBADO.....14

ENTRE A DOR E A ESPERANÇA.....19

DOMINGO.....22

O DIA EM QUE A MORTE MORREU.....26

SEXTA-FEIRA

A sexta-feira para o tempo atual é carregada de empolgação, algum tipo de felicidade expressada no anúncio da chegada do fim de semana. A hashtag *#sextou* carrega o sentido de “aproveitar”, de “curtição”.

Mas, diferentemente do tom festivo das redes sociais, essa sexta-feira foi marcada por dor, silêncio e sacrifício. Foi o dia em que o Filho de Deus, sem pecado, carregou sobre si o peso de toda a humanidade. O justo pelos injustos. O inocente pelos culpados.

Conforme o Evangelho de João, a partir do capítulo 18 diz, naquela sexta-feira, Jesus foi preso e levado a Anás (um sumo-sacerdote) que o interrogou (numa espécie de audiência preliminar) e o levou amarrado à presen-

ça de Caifás, o sumo-sacerdote oficial. Pedro nega a Jesus, afirmando que não o conhecia. Jesus é levado perante Pilatos (governador da Judeia), Jesus é condenado à morte, é crucificado e morto.

No capítulo 19, 31 diz:

Então, os líderes judeus pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas dos que tinham sido crucificados e mandasse tirá-los das cruzes. Pediram isso porque era sexta-feira e não queriam que, no sábado, os corpos ainda estivessem nas cruzes. E aquele sábado era especialmente santo. João 19, 31 NTLH.

Os líderes judeus estavam mais preocupados com a tradição do que com a manifestação de Deus entre os homens. Eles saberiam posteriormente que tinham ignorado o salvador. Na crucificação romana os condenados podiam levar alguns dias para morrer. Geralmente, eles descansavam o corpo no prego transpassado nos pés, faziam força e respiravam. Quebrar as pernas acelerava a morte, o que não foi preciso ser feito em Jesus, Ele já estava morto, o soldado confere sua morte furando-o no lado com uma lança, para que se cumprisse Êxodo 12, 46: “nem lhe quebre

osso algum”.

Naquela Sexta-Feira, os judeus estavam preocupados com o sábado. O dia da preparação. Eles celebrariam a Páscoa deles, celebravam a libertação do povo no passado. O dia que os hebreus saíram da escravidão do Egito a caminho da terra prometida, essa era a Páscoa judaica. Com o tempo, a Páscoa judaica deixou de ser apenas uma celebração do passado, mas começou a ser também a busca por uma redenção futura. A manifestação de um messias, um salvador, e Ele estava bem ali, naquela sexta-feira, Ele estava bem ali, pendurado na cruz.

Sobre o exato momento da morte de Jesus naquele dia, o Evangelho de João diz:

Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para que se cumprisse a Escritura, disse: — Tenho sede! Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, aproximaram a esponja da boca de Jesus. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: — Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. João 19, 28-30 NAA.

Está concluído. Terminou. Foi o que, por

último, Jesus disse. O plano da redenção do homem, longo como a história, estava consumado. Não foram palavras de desespero, mas de realização, de vitória, de cumprimento. E agradecemos por fazê-lo. Ele suportou.

Humanamente falando, nossa tendência é desistir antes mesmo de começar. Nossa inclinação é parar, reclamar, culpar os outros, das coisas simples às complexas que começamos e não terminamos.

Nesta sexta-feira podemos agradecer a Deus por não desistir de nós, por se entregar, pela salvação e perdão, por nos ensinar a perseverar, nos manter firmes e terminar bem, com vida eterna.

E a vida eterna é esta: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. João 17, 3 NAA.

Enquanto hoje muitos celebram o fim do expediente, Jesus naquela sexta carregava a cruz — o instrumento de nossa salvação. Enquanto tantos hoje se preparam para festas, Ele se entregava para nos dar vida.

A sexta-feira da paixão nos convida a parar. A refletir. A lembrar que antes da cele-

bração da ressurreição, houve sangue inocente derramado, sofrimento e amor profundo. Que nossa alegria de hoje não seja vazia, mas nasça da certeza de que, naquela sexta, fomos amados até o fim.

O AMOR QUE SUPORTOU A CRUZ

Uma sexta-feira dolorosa

De todas as palavras ao redor da cruz, poucas são tão carregadas de dor e ironia quanto as dos principais sacerdotes, com os escribas, que zombando, diziam entre si:

– Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar. Que o Cristo, o rei de Israel, desça agora da cruz para que vejamos e creiamos. Também os que com ele foram crucificados o insultavam. Marcos 15, 31-32 NAA.

Essas palavras não foram apenas zombarias — foram feridas proferidas com a in-

tenção de humilhar, desprezar e negar quem Jesus realmente era. Não existe dor mais aguda do que a provocada por palavras que visam machucar.

Mas mesmo diante disso, Ele não respondeu com ira. Ao contrário, respondeu com silêncio, submissão e perdão. O amor de Cristo na cruz nos confronta, nos constrange e nos transforma.

“Desça da cruz este Messias...”

A zombaria reflete uma profunda incompreensão messiânica. Eles esperavam um Messias político, conquistador. A cruz parecia, para eles, a negação do reinado de Cristo. O tom irônico mostra uns corações endurecidos, cegos pela religiosidade e pelo orgulho. O profeta Isaías havia falado desse messias, “o Servo Sofredor” (Isaias 53), mas eles não acreditaram (“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” João 1, 11).

Quantas vezes também exigimos provas de Deus? Quantas vezes dizemos: “Se tu és Deus, faz isso ou aquilo”? A cruz nos ensina que a fé verdadeira não exige sinais, mas

crê mesmo no silêncio e na dor.

O apóstolo Pedro falou sobre a resposta de Jesus: “Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1 Pedro 2, 23-24 NAA).

Devemos lembrar que o apóstolo Pedro escreve a cristãos perseguidos, encorajando-os a suportar o sofrimento injusto à semelhança de Cristo. Aqui vemos o modelo do servo fiel, que confia plenamente na justiça de Deus, mesmo quando a injustiça humana parece prevalecer.

Jesus não apenas pereceu por nós — Ele nos ensinou a sofrer com dignidade, confiando no Pai. Quando somos injustiçados, caluniados, desprezados, temos o exemplo do nosso Senhor: Ele se entregou ao justo juiz.

“Pai, perdoa-lhes...”

O Evangelho de Lucas nos mostra a oração do perdão: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Essas palavras foram ditas enquanto os cravos ainda perfuravam suas mãos e refletem não apenas

compaixão, mas uma compreensão profunda da cegueira espiritual humana.

Cristo orou por seus algozes — e continua intercedendo por nós. Isso nos chama a perdoar, mesmo quando o outro “não sabe o que faz”. O perdão de Jesus é o maior testemunho do amor de Deus. Se Jesus perdoou os que o crucificaram, por que retemos perdão? O Pastor Ryle fez o seguinte comentário sobre essa oração de Jesus:

Seguindo o exemplo de nosso Senhor, oremos por aqueles que, com maldade, nos ameaçam e perseguem. O orgulho de nosso coração talvez se rebele frequentemente contra essa ideia. O mundo pode qualificar como mesquinho esse tipo de comportamento. No entanto, jamais nos envergonhemos de imitar nosso divino Senhor. O homem que ora por seus inimigos manifesta a mentalidade que havia em Cristo e terá sua recompensa.¹

O amor de Cristo é visto não apenas na Sua morte, mas na maneira como Ele morreu:
Sem revidar.
Sem se defender.
Orando e pedindo perdão por seus ini-

1 - J. C. Ryle, *Meditações no Evangelho de Lucas*, org. Tiago J. Santos Filho, 2a Edição (São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2018), 538.

migos.

A cruz é o lugar onde a justiça de Deus encontra a misericórdia. E ali, Jesus amou até o fim — inclusive aqueles que o odiavam. O amor de Cristo é suficiente para salvar até os que o crucificaram — e a mim e a você.

SÁBADO

O sétimo dia da semana, no calendário bíblico, é o sábado — o dia de descanso segundo a tradição judaica. Um dos Dez Mandamentos diz:

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Trabalharás seis dias, e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, teu Deus.” (Êxodo 20:8-10, ARA)

Como cristãos, não seguimos a tradição judaica no que diz respeito à guarda do sábado como dia sagrado. No entanto, o princípio do descanso permanece válido. Deus mesmo nos deu o exemplo ao descansar após os seis dias da criação. Deus não se cansa, nós sim. O Criador, ao instituir o sábado, estava nos ensinando sobre ritmo, limites e confiança — que até no descanso Ele é Senhor.

Infelizmente, muitos hoje vivem como se não pudessem parar nem por um dia. Acham que descansar é perder tempo. Mas o descanso é um ato de fé: é reconhecer que a vida não depende apenas do nosso esforço, mas do cuidado e provisão de Deus.

Na tradição católica romana, o sábado que antecede o Domingo da Ressurreição é chamado de Sábado de Aleluia, pois durante a Quaresma (período de quarenta dias que antecede a Páscoa), a palavra “aleluia” é omitida das missas, proclamada novamente apenas na Vigília Pascal.

Como evangélicos, não seguimos essa prática litúrgica, mas reconhecemos o significado da palavra aleluia — que quer dizer “louvem ao Senhor”. É sempre usada no singular, pois no plural pode ser mal interpretada como “louvem aos deuses”.

No princípio bíblico, é preciso ressaltar que nosso chamado é constante: viver em adoração, em obediência e com o coração descansando em Deus. E para nós, o domingo é o Dia do Senhor, o dia em que celebramos a ressurreição de Cristo — a vitória sobre o pecado e a morte — e renovamos nossa fé, esperança e comunhão com o corpo de Cristo.

Contudo, o sábado do qual quero falar é bem específico. É aquele dia depois da morte e sepultamento de Jesus. O Evangelho de João diz:

Depois disso, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus — ainda que em segredo, porque tinha medo dos judeus —, pediu a Pilatos permissão para tirar o corpo de Jesus. E Pilatos deu permissão. Então José de Arimateia foi e retirou o corpo de Jesus. E Nicodemos, aquele que anteriormente tinha ido falar com Jesus à noite, também foi levando cerca de trinta e cinco quilos de um composto de mirra e aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os óleos aromáticos, como é costume entre os judeus na preparação para o sepultamento. No lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim; neste jardim havia um túmulo novo, no qual ninguém ainda tinha sido colocado. Ali, por causa da preparação dos judeus e porque o túmulo ficava perto, colocaram o corpo de Jesus. João 19, 38- 42 NAA.

O que mais me chama a atenção neste sábado em específico é a seguinte questão: Como descansar diante de uma tristeza tão grande? Dia que era para ser de descanso, de

repouso, se tornou de angústia, de luto, de desespero.

A perda de alguém, a separação, alguém que amamos está enfermo, ofensas do passado, ressentimentos de uma traição, abandono, estas são apenas algumas situações que podem transformar um dia de descanso em fadiga ou inquietação. Para dias assim, Deus tem a proposta de descanso:

Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso. refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam. Salmo 23, 2-4 NAA.

A obra de Deus está concluída, foram estas as últimas palavras de Cristo na cruz: “está terminado”. É nesta obra concluída que podemos descansar.

Permita-se chorar. Ninguém melhor do que Jesus para te entender, pois ele também chorou no túmulo de um amigo (João 11). Não desespere, enquanto você não sabe o que vai acontecer, diante das incertezas do amanhã,

Jesus continua a convidar:

— Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso. Sejam meus seguidores e aprendam comigo porque sou bondoso e tenho um coração humilde; e vocês encontrarão descanso. Mateus 11, 28-29 NTLH.

É sábado, é dia de confiar e descansar em Deus.

ENTRE A DOR E A ESPERANÇA

Ainda é sábado.

“Depois o colocou num túmulo cavado na rocha, que nunca havia sido usado. Isso foi na sexta-feira, e já estava para começar o sábado. As mulheres que haviam seguido Jesus desde a Galileia foram com José e viram o túmulo e como Jesus tinha sido colocado ali. Depois voltaram para casa e prepararam perfumes e óleos para passar no corpo dele. E no sábado elas descansaram, conforme a Lei manda.”
(Lucas 23, 53-56, NTLH)

O sábado depois da crucificação de Jesus foi um dos dias mais silenciosos da história. A terra havia tremido na sexta-feira, o véu do templo se rasgou, o céu escureceu (Mateus 27, 51) e o Salvador foi sepultado. Mas no sábado... silêncio. Nenhuma palavra registrada,

nenhum milagre, nenhuma aparição. Apenas silêncio.

Na tradição judaica, o sábado (Shabat) era guardado com rigor. Nenhum trabalho deveria ser feito — incluindo preparar corpos para o sepultamento. Por isso, as mulheres que amavam a Jesus voltaram para casa após o enterro e esperaram. Elas obedeceram à Lei (Êxodo 20, 8-10), mesmo em meio à dor e à incerteza.

Esse sábado foi um sábado de espera. Espera entre a morte e a ressurreição. Entre a perda e a promessa. Entre o “está consumado” (João 19, 30) e o “Ele não está aqui, mas ressuscitou” (Lucas 24, 6).

Hoje também enfrentamos sábados de silêncio — momentos entre a dor e a resposta, entre a oração e o milagre, entre o luto e o consolo. E como aquelas mulheres, somos chamados a confiar, mesmo sem entender. A descansar, mesmo sem ver. A obedecer, mesmo sem sentir.

Deus ainda trabalha no silêncio. Como diz Isaías 64, 4: “Deus age em favor daqueles que nele esperam.”

Nos sábados da vida — quando tudo parece parado, sem resposta, sem direção — so-

mos convidados a esperar com fé. O silêncio de Deus não é ausência. É preparação para algo maior.

Ainda é sábado? Parece que não vai passar! Dia nublado! O que dizer em dias assim?

No exemplo das mulheres temos resposta: A obediência no meio da dor é adoração. As mulheres descansaram porque era o mandamento. Elas escolheram honrar a Deus mesmo com o coração partido. Espere até o amanhecer (Salmo 30): O silêncio de Deus não é o fim da história. No sábado parecia tudo acabado, mas o domingo da ressurreição estava chegando. Aquietai-vos e sabeis que sou Deus (Salmo 46: 10-11): Há poder em descansar. Em um mundo que valoriza o “fazer”, o Evangelho nos lembra que a fé também se expressa no “esperar”.

Se hoje você estiver vivendo um sábado de silêncio — entre a promessa e o cumprimento — lembre-se: o mesmo Deus, que parecia em silêncio naquele sábado, estava cumprindo o plano mais poderoso da história. E Ele ainda faz isso por nós. Descansar no sábado, depois da cruz, é confiar que o domingo virá.

DOMINGO

O primeiro dia da semana é, na tradição cristã, o dia de orações e descanso. O próprio significado da palavra “domingo” que tem origem no latim “dies Dominica” significa dia do Senhor.

Por que o domingo é esse dia especial para nós cristãos? Sendo que para os judeus é o sábado? A resposta está no que aconteceu naquele fim de semana mais importante da história.

O Evangelho de Marcos diz:

Depois que terminou o sábado, Maria Madalena, Salomé e Maria, a mãe de Tiago, compraram perfumes para perfumar o corpo de Jesus. No domingo, bem cedo, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. No caminho, per-

guntavam umas às outras: — Quem vai tirar para nós a pedra que fecha a entrada do túmulo? Elas diziam isso porque a pedra era muito grande. Mas, quando olharam, viram que ela já havia sido tirada. Então elas entraram no túmulo e viram um moço vestido de branco sentado no lado direito. Elas ficaram muito assustadas, mas ele disse: — Não se assustem! Sei que vocês estão procurando Jesus de Nazaré, que foi crucificado; mas ele não está aqui, pois já foi ressuscitado. Vejam o lugar onde ele foi posto. Marcos 16, 1-6 NTLH.

O silêncio e as incertezas do sábado foram rompidos e as mulheres que foram visitar o túmulo de Jesus só tinham uma preocupação: “Quem vai tirar para nós a pedra que fecha a entrada do túmulo?” A surpresa é que a pedra já tinha sido tirada, um moço vestido de branco anuncia: “Ele não está aqui, pois já foi ressuscitado”.

A morte e a ressurreição de Cristo inauguram uma nova e eterna vida. Uma nova aliança, um Novo Testamento é posto. A partir da ressurreição de Cristo, o primeiro dia da semana é considerado um dia dedicado ao Senhor.

A partir desse dia, em que Jesus Cris-

to venceu a morte e ressuscitou, tudo muda. O sentido da Páscoa, que estava relacionado primeiramente à saída dos hebreus da escravidão do Egito para a terra prometida, hoje significa que podemos vencer a morte e sair da escravidão do pecado e chegarmos à eternidade prometida. Foi Jesus quem disse: “— Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim nunca morrerá. Você acredita nisso?” (João 11, 25-26 NTLH).

Quais lições podemos aprender hoje com a ressurreição?

Primeiro: Deus age antes de nós. As mulheres estavam preocupadas com uma pedra, mas ao chegarem, ela já tinha sido removida. Assim é muitas vezes em nossa caminhada de fé: nos preocupamos com problemas que Deus já resolveu ou está resolvendo em silêncio.

Segundo: A fidelidade é recompensada. As primeiras testemunhas da ressurreição não foram os discípulos homens, mas mulheres fiéis e corajosas. Isso revela o valor do coração que permanece firme mesmo diante da dor. Quem busca Jesus com sinceridade é recompensado.

Terceiro: O túmulo está vazio, a mor-

te não venceu. A mensagem do Evangelho é essa: Jesus está vivo! E isso muda tudo. A ressurreição nos dá esperança, direção e propósito. O túmulo vazio é o símbolo máximo da nova vida que há em Cristo.

Quarto: A missão começa na ressurreição. O texto continua (Mc. 16: 7) com uma missão: “Vão e digam aos discípulos”. Ou seja, quem encontra o Cristo ressurreto se torna mensageiro. A experiência com Jesus vivo nos transforma em fiéis testemunhas.

Que essa promessa fortaleça sua fé hoje. Diante do sofrimento e da dor que a humanidade enfrenta, mesmo não tendo respostas para tudo que está acontecendo em sua vida atualmente, mas ao lembrar deste domingo em específico, que Jesus Cristo seja sua esperança viva.

Esta é a verdadeira páscoa. A cruz está vazia, o túmulo está vazio, Jesus ressuscitou e vive para sempre.

O DIA EM QUE A MORTE MORREU

“Assim, quando este corpo mortal se vestir com o que é imortal, quando este corpo que morre se vestir com o que não pode morrer, então acontecerá o que as Escrituras Sagradas dizem: ‘A morte está destruída! A vitória é completa!’ ‘Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu poder de ferir?’ [...] Mas agradeçamos a Deus, que nos dá a vitória por meio do nosso Senhor Jesus Cristo!” (1 Coríntios 15, 54-57 NTLH)

O domingo da ressurreição não é apenas uma data no calendário cristão. É o marco definitivo da maior vitória da história: o dia em que Jesus venceu a morte e abriu um novo e vivo caminho para todos nós. A cruz foi o golpe mortal no pecado. O túmulo vazio foi a declaração de que a morte

perdeu seu domínio.

Compartilho aqui um comentário bíblico sobre a Páscoa, conforme descrita em Marcos 16, 6 quando é anunciado que Jesus Ressuscitou:

Se perguntarmos pelo sentido espiritual, a Páscoa é em primeiro lugar a impugnação da impugnação de Jesus. No Gólgota, é bem verdade, o escárnio e o triunfo do mal se esbaldaram. Jesus orou e gritou. O céu silenciou, nenhum Elias ou anjo apareceu. Jesus parecia refutado. E Deus não podia interferir, tinha de sofrer junto, pois se identificava com o sacrifício do seu Filho. Mas depois que este sacrifício fora feito, de forma alguma a identificação de Deus com este sepultado podia faltar. Com a ressurreição de Jesus, Deus validou seu amor. Isto não deve ser entendido em sentido muito limitado. Com a ressurreição de Jesus, ressuscitaram também todas as suas palavras, vocações e poderes milagrosos, sua missão e autoridade. Por causa desta ressurreição, toda a vida terrena de Jesus vale a pena ser contada. Por isso cada linha dos evangelhos transpira a Páscoa. Tudo isto vive e está presente, hoje em dia como naquela época.²

2 - Adolf Pohl, *Comentário Esperança, Evangelho de Marcos* (Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998), 456.

Ao ressuscitar no terceiro dia, Jesus confirmou sua vitória total, não deixando dúvidas de que estava verdadeiramente vivo. O Novo Testamento relata que Jesus apareceu a várias pessoas após a ressurreição (Lucas 24, João 20-21 e 1 Coríntios 15, 5-8), incluindo Maria Madalena, os discípulos no caminho de Emaús, e mais de quinhentos irmãos de uma só vez. Essas aparições confirmaram o milagre que mudou o curso da história: a morte havia sido derrotada.

Vivemos em um mundo que teme a morte, que busca prolongar desesperadamente a vida, esconder o luto e evitar o sofrimento. Mas a ressurreição de Cristo nos lembra de uma verdade eterna: a morte não é o fim. Para os que estão em Cristo, ela é apenas uma passagem para a vida verdadeira e eterna.

A morte está destruída! A vitória é completa!

Essa é a proclamação do domingo da Ressurreição. Cristo ressuscitou — e com isso, Ele arrancou da morte seu último poder: o medo. Por isso, vivemos com esperança, não com desespero. Trabalhamos com propósito, não em vão. E servimos com paixão, sabendo que, como diz o apóstolo Paulo: “todo o seu

esforço nesse trabalho sempre traz proveito.”
(v. 58)

A ressurreição é o coração do Evangelho. Sem ela, nossa fé seria em vão (1 Coríntios 15:14). Com ela, temos certeza da vitória.

A morte foi vencida, mas ainda enfrentamos lutas. Por isso, Paulo nos exorta: “continuem fortes e firmes”. Não desistam. Nosso trabalho no Senhor não é inútil. Cada palavra, cada gesto, cada serviço prestado em nome e para glória de Cristo tem valor eterno.

O domingo da ressurreição é o dia em que a morte morreu. O túmulo vazio é o testemunho vivo de que o pecado não venceu, a cruz não foi em vão, e a esperança jamais será frustrada.

Portanto, viva com fé. Sirva com alegria. E lembre-se: a vitória já é nossa, por meio de Jesus Cristo, o Senhor da Vida!

